

MUDANÇA DE PERSPECTIVA E DESENVOLVIMENTO PSICOLINGUÍSTICO UM ESTUDO DE NARRATIVAS EM PORTUGUÊS EUROPEU

ISABEL HUB FARIA

(Laboratório de Psicolinguística, FLUL)

1. Introdução

Encarada a produção linguística como a representação verbal de um outro tipo de representação do conhecimento, é natural que, no âmbito dos estudos que têm como objecto a produção verbal na sua dimensão linguística e pragmática, se multipliquem as tentativas de correlacionar as produções (representação textual) com os diversos factores sócio-culturais e neuropsicológicos mais directamente implicados na forma como percebemos, categorizamos, e armazenamos na memória o mundo que nos rodeia.

A forma como relatamos o que vemos reflecte, de algum modo, a forma como vemos. Por outro lado, a forma como vemos varia em função de aquilo que 'é possível' ver, nomeadamente com o que a nossa atenção selecciona como estímulo a ser percebido e processado, de entre o conjunto total de informações disponíveis constituintes de cada contexto. O mesmo espaço de referência é pois diferentemente descrito consoante a perspectiva (a situação no espaço) de quem o descreve. Diferentes perspectivas do mesmo espaço supõem diferentes localizações, diferentes pontos de partida, diferentes alvos, diferentes marcos, diferentes percursos.

Um ser adulto atento e consciente das opções implícitas que faz pode, uma vez treinado pelo uso que faz da sua língua nas diferentes situações comunicativas, ser capaz de conceber mais do que uma perspectiva sobre um dado espaço, o que lhe permite, por um lado, compreender as perspectivas de outros e, por outro, explicitar verbalmente o seu posicionamento no espaço.

A construção de uma narrativa implica, a par da construção gramatical do enunciado, a capacidade de utilização da memória declarativa na construção do encadeamento da história que, por sua vez, permite tornar visível o sentido para ela encontrado através das relações espaciais e temporais da mesma.

Ao longo do desenvolvimento psicolinguístico, e até se atingir o estado estável, quer linguístico quer pragmático, é possível observar tipos de perspectivas (consoante o grau de desenvolvimento psicolinguístico) e mudanças de perspectiva (à medida que o desenvolvimento psicofisiológico e cognitivo vai tendo lugar).

2. O que é a História da Rã

A História da Rã (ver anexo) é uma história sem palavras, criada por Mercer Mayer (1969), com o título *Frog, where are you?*, constituída por 24 imagens que apresentam uma "interacção dinâmica, ao longo de um tempo, entre seres animados e contextos físicos" (Berman & Slobin, 1994: 1) e que, por ter estas características, pode ser facilmente utilizada pelo investigador para provocar a produção de narrativas por parte de sujeitos de diferentes faixas etárias e diferentes graus de instrução, começando na pré-primária até à idade adulta.

A utilização desta história nasceu de um projecto de Berman e Slobin, iniciado em 1983, cujos objectivos eram os de detectar diferenças (e semelhanças) nas formas de representar os acontecimentos por parte de falantes nativos do Inglês, do Alemão, do Espanhol, do Hebreu e do Turco. As diferenças eram esperadas em função de três factores: pelo facto de os narradores serem de diferentes idades, pelo facto de falarem línguas diferentes e, finalmente, por haver muitas maneiras de se falar das mesmas imagens. Estes três factores, segundo os autores, contribuiriam para a identificação de usos preferenciais de meios linguísticos para representar os acontecimentos, não só nesta história mas nas narrativas em geral. Interessava-os, nomeadamente, o estudo do desenvolvimento dos meios linguísticos utilizados para estabelecer a relação entre eventos e as formas sintácticas de apresentar esse relacionamento em estruturas coerentes, quer ao nível de cada imagem, quer ao nível de cada episódio, quer ao nível da história em geral. Esta noção de 'relacionamento de eventos' inclui, assim, os meios verbais utilizados na codificação e na construção do sentido da história. Mesmo no início do projecto de Berman e Slobin, o objectivo do estudo era limitado ao desenvolvimento da expressão temporal em Inglês e em Hebreu, esperando os autores encontrar, nas crianças hebraicas, tendência para 'compensar' a ausência de marcas de Tempo e Aspecto através da utilização de expressões lexicais ligadas a noções que, em Inglês, apareciam gramaticalizadas. Tratava-se de aplicar a perspectiva de Slobin (1973) de existência de "pré-requisitos cognitivos para o desenvolvimento da gramática" segundo a qual as crianças procuram meios linguísticos para expressarem conceitos emergentes,

neste caso, supostamente, conceitos universais de temporalidade. Assim, tendo em conta diferentes línguas, será possível observar que se, em algumas, a marcação do aspecto, por exemplo, é obrigatória, noutras, onde tais marcas não existem, se encontram disponíveis, no entanto, opções de expressão.

A análise da *temporalidade* tem em conta: a colocação dos eventos na linha do tempo, as relações temporais entre eventos, a constituição temporal dos eventos, nomeadamente através de marcas de tempo e aspecto, de marcas aspectuais lexicais (partículas, verbos, advérbios), de processos de coordenação e de subordinação.

A temporalidade na narrativa pode não ser dada directamente pelas imagens e ser construída pelo narrador. A representação desta diversidade temporal pode ser observada a partir de produções relativas à Imagem 2 da História da Rã: a simples antecipação do sentido final da acção, para além da imagem em referência — 'ele (o sapo) já estava a sair do copo' (4;7); a simultaneidade dos eventos — 'a rã saiu do sítio onde ela estava enquanto o menino estava a dormir' (9;10); a discriminação dos pressupostos das acções e das acções propriamente ditas que compõem uma acção mais complexa ('fugir') no léxico e no tempo — 'não me parece que ela estivesse muito contente na prisão em que se encontrava...Uma noite, sentindo que os seus companheiros estavam a dormir — os seus donos, talvez sejam mais donos do que companheiros — sentindo que eles estavam a dormir, fugiu. Saiu do frasco e partiu' (AD18; 25 anos).

Por sua vez, a análise da *perspectiva* observa escolhas de tópico e foco e, em função destas escolhas, a realização de antecipações e explicitação de antecedentes, a construção de relações mais ou menos agenciais reveladas por alternância de voz (activa, passiva, média), pela variação pragmática de ordem de palavras, as formas de referência (SN, pronome, nulo).

O que acontece é que, de certo modo, *o sentido da história, é construído por cada narrador, em função da perspectiva que tem (ou que toma) dela.* Muitas vezes, no entanto, não transparece na narrativa produzida um sentido para a história, em geral, mas apenas sentido para os diversos (alguns) episódios ou mesmo, e só, para algumas imagens individualizadas. A análise do Espaço subjacente à construção de sentido mostra claramente a existência de variação ao longo do desenvolvimento psicolinguístico: variação na escolha do universo em referência (uma só imagem, um episódio, a história global); variação na selecção dos objectos de referência, na atribuição de diferentes capacidades agenciais a estes objectos, variação no estabelecimento de relações entre eles e no reconhecimento de marcos temporais e espaciais, etc.

Os eventos são objecto de *configuração* através da codificação das suas componentes em expressões relativamente compactas ou extensas fazendo uso

de verbos e satélites, nomeadamente verbos de movimento e partículas locativas, adjuntos, formas não finitas dos verbos (infinitos, participios, gerúndios).

Naturalmente, há também a assinalar a presença em cada narrativa de um *estilo narrativo* que constitui o nível pessoal do discurso (mais ou menos coloquial, literário, poético, etc.), a par de opções de expressão, escolha lexical, organização temporal da fala, etc.

3. Metodologia

População: Falantes nativos do Português Europeu

Para este estudo foram consideradas narrativas da 'História da Rã' produzidas por 45 sujeitos portugueses divididos por quatro grupos etários: O Grupo 1, com 10 crianças cujas idades variam entre os 4;6 e os 5;3; o Grupo 2, com 10 crianças cujas idades variam entre os 6;5 e os 7;1; o Grupo 3, também com 10 crianças cujas idades variam entre os 9;4 e os 10;2 e, finalmente, o Grupo 4 constituído por 15 falantes adultos do Português Europeu, com idades compreendidas entre os 21 e os 35 anos, frequentando ou tendo frequentado o ensino superior.

Recolha de dados: As narrativas foram provocadas através da apresentação da *História da Rã*, primeiro passada em silêncio de forma aos sujeitos se familiarizarem com a sequência de imagens, depois passada segundo o ritmo imprimido à narrativa por cada sujeito. As narrativas foram gravadas, sendo posteriormente transcritas e codificadas no âmbito do Programa CHILDES (cf. MacWhinney 1995)

4. A construção de sentido

A história conta, ao longo de 24 imagens, a procura de uma rã que, durante a noite, foge de casa do seu dono (Imagem 2), um menino que tinha um cão. A consequente procura da rã é constituída por diversos episódios, eles próprios susceptíveis de constituírem 'sub-histórias' no interior da história: a '*primeira procura*', iniciada em casa após a constatação da ausência da rã e que acaba com a queda do cão da janela (Imagens 4 a 7); a '*procura no bosque*', primeiro com o '*episódio da toupeira*' (Imagens 8 a 10) que é referido se a perspectiva da busca for a partir do menino, ou o '*episódio das abelhas*' (Imagens 8 a 12) mencionado se a perspectiva da busca for dada a partir do cão, seguido do '*episódio do mocho*' (Imagens 11 a 13), na perspectiva do menino, e do '*episódio do veado*' (Imagens 13 a 17) na perspectiva possivelmente conjunta do menino e do cão. Após a queda no lago (Imagem 18), inicia-se '*o encontro*'. Primeiro com uma sequência de indícios sonoros por detrás do 'tronco' (Imagens 19 a 21) seguidos da 'visualização' que constitui, de facto, o encontro. Segue-se '*o regresso a casa*', a partida e as despedidas.

Apesar do sentido da história se construir de um modo relativamente simples, (fuga → procura → encontro) nem todos os sujeitos, após o primeiro contacto com a sequência integral, são capazes da sua construção. Alguns constroem sentido apenas para alguns episódios, supõe-se que tal acontece em função da perspectiva que tomam, outros limitam-se à descrição mais ou menos pormenorizada da imagem ou conjunto de imagens que têm em presença, mostrando-se incapazes de construir uma verdadeira narrativa. Estas diferentes dimensões do universo em referência — da Imagem ao Episódio e do Episódio à História — variam em função do desenvolvimento psicolinguístico dos falantes. Serão alguns dos aspectos desta variação que passaremos a analisar, embora, neste momento, por razões que se prendem ao espaço disponível para esta comunicação, nos limitemos a apresentar a variação de perspectiva registada na descrição de uma só imagem. (Imagem 2). A variação será então apresentada em função dos grupos etários que constituem a amostra sob observação.

5. Um exemplo de perspectiva a nível de uma só imagem: O exemplo da Imagem 2, 'a fuga' da rã

A grande maioria dos adultos (80%) introduz explicitamente na narrativa uma referência a 'fuga' como um processo que, em si mesmo, contém um fim a atingir, contribuindo, simultaneamente, para a construção de sentido geral: sem haver primeiro 'fuga' não se justifica a 'procura' que se lhe segue. No entanto, o fim a atingir nem sempre é o mesmo para este conjunto de falantes. Uns limitam-se a referir aspectos de natureza estritamente locativa, 'fugir do local onde está' (40%), enquanto outros (também 40%) apresentam processos mais elaborados de fundamentação para a fuga, das más 'condições ambientais' em que se encontrava a rã aos 'problemas familiares e emocionais' causados pelo cativoiro, interpretação esta que antecipa o final da história. A opção lexical por 'fugir' comporta, no entanto, mais informação do que 'sair', uma vez que, com 'fugir', o ponto de partida é igualmente um alvo no esquema espacial. 40% dos adultos, a outra metade, opta por fundamentar a 'fuga' explicitando alvos situados fora do ponto de partida (melhores condições ambientais, reencontro com a família).

20% dos adultos, no entanto, não faz referência explícita a 'fuga', limitando-se, também numa perspectiva locativa, a referir a capacidade de decisão da rã apenas para alterar o seu posicionamento ('decide sair do boião' ADU 11, 'abandona o frasco' ADU 13, 'resolve sair do frasco' ADU 15). É uma rã cujo protagonismo se inicia com a sua representação como Experienciadora para, só depois, passar a Agente na situação. Por sua vez, o facto de a rã 'decidir' ou 'resolver' sair do frasco aponta para uma representação semântica anterior ainda com menor capacidade agentiva, i.e, a rã era Paciente no frasco onde se encontrava e onde tinha sido metida pelo seu captor/dono. Esta representação, apresentada por um subconjunto de adultos, através de construções perifrásticas

com verbos psicológicos, foca preferencialmente a capacidade de decisão da rã (não ser mais Paciente) do que propriamente a acção, o movimento que envolve a saída do frasco, perspectiva que é dominante no conjunto das crianças observadas.

Tendo agora em consideração as produções das crianças, verificamos que a representação dominante é 'a saída', ainda que verbalizada de diferentes formas que, a seguir, iremos apresentar. Repare-se para já, no entanto, que relatar 'a saída' e não 'a fuga' é limitar o universo de referência à imagem em presença, em vez de a englobar, relacionando-a, na restante sequência. Este aspecto constitui, na nossa amostra, o primeiro grande contraste entre crianças em desenvolvimento e sujeitos adultos relativamente estáveis, na construção da narrativa. Veremos seguidamente que, quer no interior dos grupos das crianças quer no grupo dos adultos, se observa variação, mas que essa variação é traçada ao longo de uma linha *de procedimentos cada vez mais sofisticados de lexicalização* sendo, de certo modo, possível reconhecer, desde já, que o desenvolvimento psicolinguístico se faz com o léxico, no sentido em que é o conhecimento do léxico e o fácil acesso a ele que, no plano da produção, permite o seu recrutamento adequado como forma de representação de conceitos ou relação entre conceitos. É relativamente fácil constatar também que, no caso de a perspectiva se situar exclusivamente na imagem em presença, ela poderá construir-se a partir de uma localização que foca a atenção noutros referentes e que nem sequer permita fazer referência à rã, o que, aliás, acontece com duas crianças mais novas (4;6 e 5;3).

Em suma, com base numa só imagem (Imagem 2) a representação semântica da rã como protagonista apresenta-a preferencialmente como Agente dos verbos de movimento ou como Experienciadora que recruta de si própria uma capacidade para a acção (decidir/resolver sair/fugir).

6. De 'já não estava lá' a 'pisgou-se': a agentividade de uma fuga

A primeira grande distinção surge relativamente *a representação da rã como sendo ou não protagonista*. Apenas 3 das 45 narrativas em análise representam a rã (em referência à Imagem 2) sem protagonismo. Trata-se de 3 crianças que produziram o seguinte: 'caiu do vaso' (5;2) e 'já não estava lá' (6;11 e 9;6). Nestes três casos o papel semântico é o de Paciente, e a representação de 'já não estava lá' revela um foco de atenção centrado na imagem 3 e não na 2, opção que revela a manutenção de opções de protagonismo anteriores, não deslocando para a rã o protagonismo do menino ou do menino e do cão: 'o menino olhou para o frasco e a rã já não estava lá' (9;6), 'viram que a rã já não estava lá' (6;11).

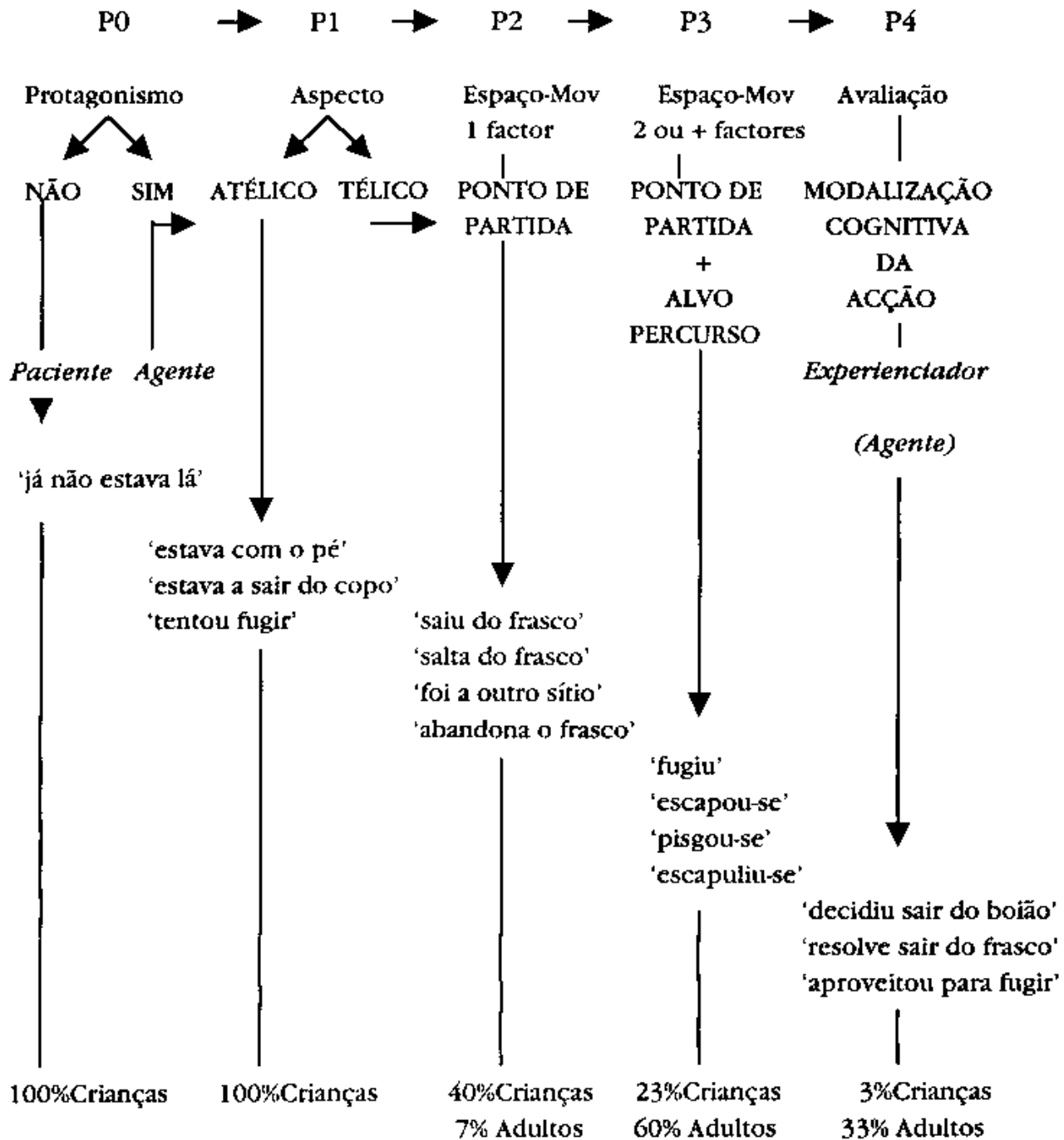
Nas 42 narrativas que referem a rã como protagonista, é possível distinguir *diferentes graus de agentividade*, essencialmente representados pelos verbos seleccionados e pelo aspecto intrínseco de cada representação. *A primeira*

distinção situa-se no carácter acabado ou não acabado da acção protagonizada. Encontrámos as seguintes representações imperfectivas: 'estava com o pé' (4;7), representação de apenas parte do movimento de *sair* ou *saltar*; 'estava a sair do copo' (4;7), movimento inacabado; e 'tentou fugir' (5;0), representação que não deixa perceber se a rã, afinal, fugiu ou não. Acontece que todas estas representações imperfectivas se devem a três dos narradores mais novos, o que coloca este tipo de representação, juntamente com a ausência de referência à rã, 100% na base, no ponto de partida do desenvolvimento psicolinguístico assinalável através da análise das narrativas.

No entanto, 39 das 45 representações da rã, relativas à imagem 2, são perfectivas. Neste conjunto, que constitui 87% do total, a atribuição de diferentes graus de protagonismo parece relacionar-se, em primeiro lugar, com o *número de factores intrinsecamente implicados na complexidade espacial do verbo utilizado*. Encontramos estruturas que se realizam em função de apenas *um só factor espacial*: por um lado, o *ponto de partida*, o recipiente onde se encontrava a rã, com verbos como *sair* (ou *sair de*) 'saiu do frasco' (9;5), 'saiu do sítio onde estava' (9;10), com *saltar* (ou *saltar de*) 'salta do frasco' (9;8), com *abandonar* 'abandona o frasco' (AD 14); por outro lado, o *alvo*, um lugar alternativo ao ponto de partida, com estrutura como 'foi a outro sítio' (7;0). Estas estruturas que se realizam em função da representação de um só factor espacial são em grande número e são todas, com excepção de 'abandona o frasco', realizadas por crianças e estão presentes em cerca de 50% do total das narrativas.

Quadro 1 - Perspectiva e desenvolvimento.

(De P0 a P4, cinco níveis de perspectiva). Exemplo da representação da rã (Imagem 2)



Encontramos estruturas que se realizam em função de *mais do que um factor espacial*, englobando na descrição *ponto de partida* e *alvo*. Tais estruturas podem realizar-se por coordenação: 'saiu e soltou-se' (6;5), 'saiu do pote e foi passear' (7;1), 'saltou e foi-se embora' (5;3), 'saltou do frasco e foi-se embora' (5;3), ou fazendo uso de verbos que lexicalizam os dois factores (ponto de partida

e alvo), como é o caso de *fugir*, *escapar-se*, *pisgar-se* e *escapulir-se*. São os adultos que maior uso fazem deste léxico, apesar de *fugir* aparecer nas representações das crianças quase sempre como predicado que lexicaliza o ponto de partida, à semelhança de 'sair': 'fugiu do aquário' (6;11).

Finalmente, encontramos estruturas perfectivas, com verbos psicológicos a dominar a acção: 'resolveu escapulir-se' (AD 1), 'resolve abandoná-los, sai do frasco e foge' (AD 2), 'decidiu sair desse boião' (AD 11), 'resolve sair do frasco' (AD 15), estruturas todas elas realizadas por adultos e que colocam a rã como protagonista a partir de Experienciadora. Fazendo uso de predicados com funções semânticas mais baixas, tais como Recipiente, encontramos ainda duas representações, uma de uma criança e outra de um adulto: 'aproveitou para sair' (6;9), 'aproveitou para fugir de dentro do pote' (AD 10).

A observação da distribuição dos cinco níveis de perspectiva pelos grupos etários permite uma visão do desenvolvimento do processo subjacente à gramaticalização de 'fugir': primeiro a atribuição de protagonismo, segundo o aspecto intrínseco ao movimento, terceiro o reconhecimento do ponto de partida como início do espaço onde se desenrola o movimento, quarto o reconhecimento de um alvo (ponto de chegada - intenção), finalmente a modalização da acção e da intenção. Este paralelismo entre fases de desenvolvimento e processos interiores à própria gramática vem ao encontro dos pressupostos inicialmente enunciados. Futuramente apresentaremos os dados relativos à análise das representações dos episódios e do sentido geral da história.

Referências:

- Berman, R. & Slobin, D. I. 1994. *Relating Events in Narrative. A Crosslinguistic Developmental Study*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- MacWhinney 1995. *The CHILDES project: Tools for analysing talk*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 2nd edition.
- Mayer, M. 1969. *Frog, where are you?* New York: Dial Press.
- Slobin, D. I. 1973. Cognitive prerequisites for the development of grammar. In C. A. Ferguson & D. I. Slobin (eds.) *Studies of child language development*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 175-208.